



3. MOSCONI, Luís, *Atos dos Apóstolos – Como ser Igreja no início do terceiro milênio?*, 2ª edição, São Paulo, Paulinas, 2001.
4. VV.AA., *Atos dos Apóstolos: ontem e hoje*, Coleção Estudos Bíblicos 3, 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1989.
5. VV.AA., *O Espírito Santo, Formador de Comunidades*, Coleção Estudos Bíblicos 45, Petrópolis (Vozes) e São Leopoldo (Sinodal), 1995.
6. CEBI, *Comentário aos Atos dos Apóstolos*, 5ª edição, São Paulo, Paulinas, 1983.
7. CEBI, *Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos*, Série Roteiros para Reflexão VIII, São Paulo, Paulus, 1999.
8. STORNILO, Ivo, *Como ler os Atos dos Apóstolos – O Caminho do Evangelho*, Série “Como ler a Bíblia”, 2ª edição, São Paulo, Paulus, 1993.
9. COMBLIN, José, *Atos dos Apóstolos*, Vol I e II, Coleção Comentário Bíblico, Petrópolis (Vozes), São Bernardo do Campo (Imprensa Metodista) e São Leopoldo (Sinodal), 1989.
10. VV.AA., *Uma Leitura dos Atos dos Apóstolos*, 2ª edição, Coleção Cadernos Bíblicos, São Paulo, Paulinas, 1983.
11. LOHFINK, Gerhard, *Como Jesus queria as Comunidades – A dimensão social da fé cristã*, Coleção Temas Bíblicos, São Paulo, Paulinas, 1987.
12. LOHFINK, Norbert, *A Igreja dos meus Sonhos*, Coleção Comunidade e Missão, São Paulo, Paulinas, 1986.
13. AGUIRRE, Luis Pérez, *A Igreja em Crise – Questões Pendentes para seu Terceiro Milênio*, Série Religião e Cidadania, São Paulo, Editora Ática, 1993.
14. MACKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*, 4ª edição, São Paulo, Paulus, 1984.
15. PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 7ª edição, Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

Endereço do Autor:

Paróquia Sagrada Família
R. João José Godinho, s/n
Bairro Frei Rogério
88.508-420 – LAGES - SC

Inspirando-se no texto de Atos 11,1-18, o artigo reflete a problemática que mais agitou as primeiras comunidades, a começar da comunidade-mãe de Jerusalém: afinal, era ou não necessária a circuncisão? era ou não proibido conviver com os incircuncisos, pôr-se à mesma mesa com eles? Após situar o contexto da perícopa, e examinar sua estrutura e vocabulário, o autor chama a atenção para os problemas em causa, reflete sobre o sistema do “puro e impuro”, e sugere algumas conclusões para a nossa prática hoje.

Uma Igreja sem proibições?

A propósito de Atos 11,1-18

Pe. Ney Brasil Pereira

Mestre em Ciências Bíblicas e professor no ITESC





Introdução

É possível uma Igreja sem proibições? Aparentemente, não, pois até os dez mandamentos, a maioria deles, são expressos na forma proibitiva: *Não terás outros deuses... Não matarás... Não comerás adultério...* (cf Ex 20,2-17) Apesar de tudo, tem sentido a pergunta, diante de proibições que vão infiltrando-se na prática, também hoje em dia, fruto mais de “tradições humanas” do que da palavra de Deus, como alertou Jesus em Mc 7,8-13. É esse o sentido profundo do texto que nos ocupa, At 11,1-18, que conclui o episódio da conversão de Cornélio, narrada ao longo de todo o capítulo anterior do mesmo livro.

É sabida a importância que Lucas atribui a esse acontecimento, no conjunto dos Atos dos Apóstolos. Como observa Fabris¹, Lucas dedica a este acontecimento nada menos do que 66 versículos, enquanto a conversão de Saulo, no cap. 9, ocupa 58 versículos e o acontecimento de Pentecostes, no cap. 2, 41 versículos. Chama a atenção a intervenção maciça de Deus com aparições e visões, bem como o entrelaçar-se das várias cenas. Lucas aplica aqui, com insistência, a técnica narrativa da repetição, indício do interesse que devota ao seu tema. Ele quer deixar clara a sua tese: a abertura do evangelho aos pagãos – com todas as suas conseqüências, também de comensalidade! – tese defendida arduamente por Paulo, não é fruto de razões ou veleidades humanas, mas desígnio claramente manifesto de Deus. Por isso é que os dois protagonistas humanos, Pedro e Cornélio, cumprem com fidelidade o querer de Deus, manifestado por sua voz, por seu Anjo ou pelo Espírito. Esse querer de Deus, assim manifestado, impulsiona o movimento das idas e vindas, dos encontros, da hospitalidade, do confronto entre as pessoas e grupos. Notar também, não por último, que Lucas não narra apenas a conversão de Cornélio, mas também, e quem sabe principalmente, a do próprio Pedro². Pedro, o líder da comunidade judeu-cristã de Jerusalém e, com ele, todos os judeu-cristãos, deve entender que não se pode *considerar impuro o que Deus tornou puro* (cf 11,9).

Cito Fabris: “ Todo este processo, no qual se conjugam revelação divina e reflexão humana, acolhida e troca de dons, conduz à construção de uma Igreja-comunidade aberta, onde os pagãos começam a fazer parte, com pleno direito, do povo de Deus (cf 11,18). Esta verdade será sancionada oficialmente no chamado concílio de Jerusalém, onde Pedro relembra expressamente o acontecimento decisivo de Cornélio, primícia dos pagãos



chamados à fé (cf 15,7-9). Por sua vez, Tiago confirma isto com autoridade, relembrando o projeto divino segundo o profeta Amós: Deus quis *escolher entre os pagãos um povo para consagrá-lo ao seu Nome*” (cf 15,14).

Meu objetivo, porém, neste artigo, não é examinar toda a narrativa, mas restringir-me à síntese que o próprio Lucas atribui a Pedro, quando este, retornando a Jerusalém após a missão na planície costeira (9,32—10,48), teve de justificar-se perante os irmãos de origem judaica. Estes, com efeito, não estavam conseguindo assimilar a novidade que o mesmo Pedro custara a entender: a de que *os gentios também tinham recebido a palavra de Deus* (11,1). Mais ainda, não conseguiam admitir que Pedro tivesse infringido um dos pilares da religiosidade judaica, a saber, a proibição da comensalidade com os pagãos: *Tu entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles!* (11,3). Dois tabus, portanto, duas convicções fundamentais para um judeu, mesmo se já batizado, estavam em jogo: então, não eram mais eles, só eles, o povo eleito, a nação escolhida entre todos os povos da terra? Não deviam eles, o povo santo, abster-se de tudo o que – pessoas ou comidas – pudesse manchar-lhes a pureza ritual?

No entanto, se Lucas dedica tanto “engenho e arte” a relatar este episódio, é porque, mesmo no tempo em que escreveu os Atos, cerca dos anos 80³, a convivência entre cristãos vindos do judaísmo e cristãos vindos do paganismo ainda era um problema sério nas comunidades. Os judeu-cristãos queriam que os cristãos vindos do paganismo aceitassem as tradições judaicas, a começar da circuncisão, para que pudessem entrar de pleno direito na comunidade. Pois, como observam Mesters e Orofino⁴, “o problema maior era se um pagão convertido a Jesus podia, ou não, entrar na comunidade dos judeus convertidos e participar com eles da mesma mesa – inclusive da Eucaristia! – ou, vice-versa, se um judeu convertido a Jesus podia entrar na casa de um pagão convertido e participar com ele da mesma comunidade. Até fins do século I houve grupos que resistiam à integração”.

Minha exposição se desenvolverá em cinco pontos: 1) o texto e o contexto de At 11,1-18; 2) a estrutura do texto; 3) o vocabulário; 4) qual o problema?; 5) o sistema do puro e do impuro, do dom e da dívida. Por fim, algumas conclusões.

1. Texto e contexto de At 11,1-18

At 11,1-18 é a última das sete cenas que constituem a narrativa da conversão de Cornélio, cenas cuja sequência, desde 10,1-8, vale a pena apresentar aqui⁵:



1ª cena (10,1-8): visão de Cornélio em Cesaréia, com a ordem divina, a ele, Cornélio, de fazer Pedro vir à sua casa.

2ª cena (10,9-16): visão de Pedro em Jope, com a ordem divina de ele, Pedro, superar a distinção entre puro e impuro.

3ª cena (10,17-23a): encontro de Pedro com os enviados de Cornélio a Jope: o Espírito ordena-lhe que os receba (v. 20) e eles relatam a visão de Cornélio (v.22).

4ª cena (10,23b-33): encontro de Pedro e Cornélio em Cesaréia: Pedro recorda a ordem divina de superar a distinção entre puro e impuro (v.28) e Cornélio por sua vez relata a visão do Anjo que o mandou chamar o Apóstolo (vv.30-32).

5ª cena (10,34-43): discurso de Pedro na casa de Cornélio, apresentando uma síntese da boa nova de Jesus de Nazaré (vv. 36-43).

6ª cena (10,44-48): descida do Espírito na casa de Cornélio, como em Pentecostes, com admiração dos companheiros de Pedro e a administração do batismo aos convertidos.

7ª cena (11,1-18): discurso de Pedro em Jerusalém, justificando-se após a censura dos judeu-cristãos (v.3): ele recorda a visão em Jope (vv. 5-10), também o encontro com os enviados de Cornélio (vv. 11-14) e, por fim, a vinda do Espírito sobre Cornélio e seus familiares (v. 15), com a conclusão irresistível (vv. 16-18)

Esta última cena, a do discurso de Pedro em Jerusalém, constitui a conclusão dos “Atos de Pedro”, que sai de Jerusalém em missão para a planície costeira (9,32), e agora a Jerusalém retorna, lá onde se encontra a sede da comunidade primitiva. Do capítulo 13 em diante, a missão começa a ser enviada de Antioquia, não mais de Jerusalém, numa significativa mudança que sinaliza para a universalização da tarefa missionária, realizando o programa de Jesus na sua despedida: *sereis minhas testemunhas em Jerusalém... e até os confins da terra* (1,8). Como se estruturam estes 18 versículos?

2. Estrutura de 11,1-18

11,1: a notícia da conversão dos gentios chega a Jerusalém

11,2-3: os cristãos circuncidados (judeu-cristãos) repreendem Pedro

11,4: Pedro começa a justificar-se, expondo a questão “por ordem”:

a) vv.5-10: visão do lençol com os animais, em Jope,

e diálogo com a voz celeste por três vezes

b) vv.11-14: encontro de Pedro com os enviados de Cornélio, sua ida a Cesaréia e seu encontro com Cornélio, o qual também teve a sua visão

c) vv.15-17: experiência do Pentecostes na casa de Cornélio e batismo dos novos convertidos; conclusão de Pedro

11,18: os cristãos circuncidados (judeu-cristãos), agora, aceitam as razões de Pedro e glorificam a Deus

3. Vocabulário de 11,1-18

v.1: *os apóstolos e os irmãos da Judéia*: É interessante o modo como Lucas se refere ao conjunto da comunidade de Jerusalém, mencionando aqui somente os “apóstolos” e os “irmãos”, sem mencionar, p. ex. os “anciãos”, ou “presbíteros”. Os “apóstolos” – palavra que, em gr., quer dizer “enviados” – são mencionados ao todo 28 vezes, nos Atos, até o cap. 16, e não mais até o final do livro. No começo, esse termo designa os “onze” (1,26); no cap. 14, os “apóstolos” designam Barnabé e Paulo; nos cap. 15 e 16, os “apóstolos” são nomeados sempre com os “anciãos”; finalmente, em 11,23 e 21,18 só se fala dos “anciãos”, sem menção dos “apóstolos”. O termo “irmãos” é muito frequente nos Atos: ao todo, 58 vezes, quase sempre indicando o conjunto dos discípulos, irmãos na fé.

v.1: *os gentios*, em gr. *éthnê*, correspondendo a *gôyîm* em hebr., são mencionados 30 vezes nos Atos, a partir do cap. 4º até o final do livro. Este termo, que designa não os helenistas judeus, mas os pagãos, isto é, os não circuncidados, é traduzido diversamente em nossas Bíblias. Almeida sempre traduz por “gentios”; a BJ, quase sempre, mas alguma vez por “nações pagãs”, “nações gentias”, ou simplesmente “nações”; a Bíblia Pastoral, como também o NT da CNBB, preferem “pagãos”.

v. 1: *a Palavra de Deus*, isto é, o anúncio do Evangelho: às vezes, “palavra do Senhor”, como em 11,16 (citação de uma palavra de Jesus) e 13,49; às vezes, simplesmente “a Palavra”, p. ex. em 11,19 e 14,25.

v. 2: *Jerusalém*: O nome da cidade santa é grafado por Lucas de duas maneiras, em grego: *hierousalêm*, forma hebraizante indeclinável, 39 vezes, e *hierosólyma*, forma helenizante declinável, 25 vezes. Segundo Richard⁶, a primeira forma designa a cidade como centro institucional do judaísmo, com o Templo e o Sinédrio, como é o caso aqui (11,2); a segunda forma, p. ex. em 11,27, indicaria a cidade apenas como lugar geográfico.

v. 2: *os que eram da circuncisão*, trad. literal do gr., que a Bíblia Pastoral e o NT da CNBB traduzem: *os fiéis de origem judaica*.





v. 3: *incircuncisos*, lit., em gr.: “homens que têm o seu prepúcio”.

v. 4: *entrar em casa... comer com...*: era a comensalidade com os pagãos, proibida a um judeu.

v. 4: *por ordem*, ou “passo a passo” (Bíblia Pastoral), “ponto por ponto” (NT da CNBB); é o termo que Lc emprega também no prólogo do seu evangelho (Lc 1,3), onde propõe-se escrever “por ordem”, em gr. *katheksês*, a narração dos fatos referentes ao Senhor.

v. 5: *lençol*, em gr. *othónê*, lit. pano de vela

v. 7: *uma voz*: não se diz de quem, se de um Anjo ou do próprio Deus. No v. 8, Pedro responde dirigindo-se ao “Senhor”.

v. 7: *mata e come*: lit. “sacrifica”, ou “imola”, em gr. *thûson*.

v. 8 *profano e impuro*, lit. “comum e imundo”. O adjetivo “comum”, em gr. *koinós*, designava o que segundo o Levítico era “imundo”, e de cujo uso um judeu devia abster-se, para não se “contaminar” aos olhos de Deus.

v. 11: *Cesaréia*: Cesaréia marítima, cidade portuária construída por Herodes Magno entre 9 e 12 aC e, depois da morte de Herodes Agripa I, em 44 dC, residência dos procuradores romanos.

v. 12: *o Espírito*; com o artigo e sem o adjetivo “santo”, 9 vezes nos Atos, p. ex. em 2,4; 6,10. 8,18; 8,29 etc, sempre designando o Espírito Santo.

v. 13: *o Anjo*, com artigo definido, e sem o complemento “do Senhor” que ocorre p. ex. em 5,19; 8,26; 12,7; 12,23 etc.

v. 15: *o Espírito caiu sobre eles*: mesma expressão que em 10,44, expressando a “descida” do Espírito Santo, como em 1,8; ou o seu “derramamento”, como em 2,17-18 e em 10,45; ou a sua “vinda”, como em 19.6.

v. 16: *batizados ‘com’ ou ‘no’ Espírito Santo*: é a expressão que indica um batismo superior ao batismo “da água” ou “com água”, já anunciado por João Batista e prometido por Jesus em 1,5, e normalmente assinalado por fenômenos externos, como o “falar em línguas” (cf 10,46).

v. 17: *opor-me à ação de Deus*: lit. “impedir Deus de agir”, como traduz a BJ (em gr. *kólýô*).

v. 18: *o arrependimento* (assim Almeida e a BJ), em gr. *metánoia*, que a Bíblia Pastoral, a TEB e o NT da CNBB traduzem por “conversão”.

v. 18: *a vida*, às vezes com o adjetivo “eterna”, como em 13,46 e 48, às vezes sem o adjetivo, como aqui e em 3,15 e 5,20, indicando a “vida” na sua dimensão plena, como em Jo 10,10⁷.



4. Qual o problema?

Cito Comblin, arguto, como sempre, nas suas observações: “No episódio de Cornélio estão associados e entrelaçados dois problemas conexos, mas distintos. Uma coisa é aceitar que os gentios também possam ser salvos por Jesus Cristo e receber o Espírito Santo. Outra coisa é comer e conviver com eles, o que inclui que, com a vinda desses gentios, caem as leis judaicas sobre o puro e o impuro. Uma coisa é aceitar que os outros ao lado se salvem também: este fato por si só não obriga os judeus a mudarem o seu modo de viver. Outra coisa é comer à mesma mesa e morar na mesma casa com eles. Isto sim, modifica profundamente o modo de viver... e é isso o que Pedro já não queria mais em Antioquia (cf Gl 2,11-14), e muitos cristãos de Jerusalém não queriam. Aqui Lucas mostra que o próprio Pedro, embora a contragosto, abriu o caminho para essa transformação transcendental”⁸.

Ainda Comblin: “É importante que, para Paulo e também para Lucas, o que faz a comunidade cristã é uma comunhão material, a convivência material e a participação na mesma mesa. Paulo e Lucas sabem por experiência os profundos choques e os dramas provocados por tal comunidade no sentido material. Pois aí estouram as oposições de classes. Ou a comunidade se esfacela, ou resolve o problema de classes. Se ricos e pobres, judeus e não judeus, homens e mulheres comem em lugares diferentes, o cristianismo terá um conteúdo diferente para cada grupo e não haverá realmente uma Igreja. É isso mesmo que acontece em nossos dias, porque os que se dizem cristãos não comem à mesma mesa nem frequentam as mesmas casas: nem sequer se encontram. Quem se nega a participar da mesa dos pobres e a conviver com eles, rompe a Igreja e busca refúgio numa pseudo-gnose.... Face a esse grave equívoco havemos de manter, com o Novo Testamento, que a comunhão eclesial é antes de tudo uma comunhão material, corporal: os corpos estão lado a lado, e comem a mesma comida.”⁹

5. O sistema do puro e impuro e do dom e dívida

Yves Saot¹⁰ observa que a visão dos animais impuros (10,11-16, retomada em 11,5-10) e o dom do Espírito (10,45 e 11,17) representam um papel essencial em nosso texto. Os animais “impuros” remetem ao sistema da distinção entre puro e impuro, sacramentada especialmente nos capítulos 11 a 16 do livro do Levítico. E o “dom” do Espírito Santo contrasta com os sistema das trocas e dívidas, que privilegiava os ricos e oprimia os pobres. Os pagãos recebem o “dom” de graça, sem ter de merecê-lo, por exemplo, pela circuncisão e as outras práticas da Lei.

Ora, é sabido como Jesus se posicionou claramente contra o primeiro



sistema, *declarando puros todos os alimentos* (Mc 7,19b)¹¹, e propôs também que se imitasse a bondade do Pai, que dá de sua abundância e *perdoa as nossas dívidas* (Mt 6,12)¹². E apesar de tudo, Pedro, o discípulo-líder, estava ainda longe de ter absorvido o ensinamento do Mestre: custou a entender que devia entrar na casa do pagão Cornélio, como custara a entender que todos os animais são “puros”, e que *não se deve declarar impuro nenhum homem* (10,28)... e mesmo mais tarde, pressionado pelos judeu-cristãos, terá uma posição ambígua em Antioquia,

merecendo por isso a justa censura de Paulo (cf Gl 2,11-14). Como na questão do divórcio, que Jesus supera apelando para a situação “no princípio” (cf Mc 10,6), assim também, aqui, a visão dos animais deveria lembrar a Pedro a pureza de origem de todos eles, todos eles criados por Deus, como também todos os seres humanos, não só os judeus, saíram das mãos do Criador.

Que dizer então, hoje, pergunta o já citado Yves Saouit, das proibições rituais¹³ que tanta dificuldade têm causado ao apostolado missionário¹⁴? Por que, pergunta ele, não usar os produtos locais de certas regiões da África, como a cerveja de milho e o pão também de milho, em vez do vinho de uva e o pão de trigo prescritos? Ou ainda, como se perguntava, na época do Concílio, um bispo da Índia: Por que deveria eu fazer vir óleo de oliva da Europa, para o santo crisma, se o óleo de linhaça é abundante em meu país?¹⁵ A Igreja tem o *poder*, sim, de nos prescrever isto e proibir aquilo, por bem fundamentadas razões. Não deveria também ter *misericórdia* e abertura para outras possibilidades e outras culturas? Que diria o Senhor? Não estaria, a Igreja, como Pedro, necessitada da visão de Jope, para entender, sempre de novo, que não se deve considerar impuro o que Deus chamou puro, e não deve também admirar-se de que o “dom” de Deus esteja sendo concedido aos “outros”, como o foi a nós?

Conclusão

É notável como se mostra atual um texto como este, lido e relido tantas vezes, mas também tantas vezes reduzido ao que aparenta ser o seu sentido óbvio, a saber: Pedro compreendeu, e levou a Igreja de Jerusalém a aceitar, embora com dificuldade, que os pagãos, “naquela época”, podiam ser admitidos ao batismo sem terem de passar pela circuncisão, e que portanto deviam ser aceitos na Igreja, na comunidade, podendo oferecer e podendo também receber hospitalidade. Pedro, aliás, não responde diretamente à censura que lhe é feita no v. 3, mas justifica a sua atitude de *ter entrado na casa de um incircunciso e ter comido com ele*, pelo fato de que a esse incircunciso, Cornélio, havia sido concedido o *dom do Espírito Santo*



exatamente como a nós, os judeu-cristãos (v. 17). E termina com a pergunta retórica de quem, após tantos sinais e indicações divinas, percebe que não tem outro caminho: *Quem seria eu, para impedir a Deus de agir?* (v.17).

E no entanto, mesmo depois disso continuaram as dificuldades. Continuou a oposição dos judeu-cristãos a essa abertura, tanto assim que a questão foi trazida a público novamente, em assembléia maior, envolvendo agora Paulo e Barnabé, como representantes da comunidade de Antioquia diante dos “apóstolos e anciãos” de Jerusalém (15, 1-30). A decisão, que referendou a abertura aos pagãos, acrescenta porém um compromisso: *que vos abstenhais das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas...* (15,29) As cartas de Paulo, porém, dão testemunho de que, mesmo assim, os judaizantes não desistiram, e constantemente intervinham contra a posição e a própria autoridade do Apóstolo.

Isto, “naquele tempo”... E hoje? Até que ponto a Igreja, hoje, sem renunciar ao mandato missionário, aceita realmente inculturar-se nas diferentes culturas e nelas reconhecer e revelar, nos homens e mulheres do nosso tempo, a presença do Cristo e do Espírito? Até que ponto, mesmo reconhecendo o direito que a Igreja tem de legislar, seriam necessárias certas prescrições rituais e certas exigências pastorais, que às vezes mais dificultam do que favorecem a ação evangelizadora?

E até que ponto, como vimos acima, citando Comblin¹⁶, esta separação entre “puros” e “impuros”, entre judeus e pagãos, não se verifica também, hoje, na separação entre ricos e pobres – e acrescento: entre clero e leigos, entre homens e mulheres – quer em nossas comunidades, quer entre as nações “cristãs” ricas e pobres? Onde está a *koinonía*, a comunhão, não só no culto, no ritual da Eucaristia, mas na convivência diária? A pergunta inicial, portanto, além de focar as “proibições”, não deveria focar também as discriminações? E no entanto, a todas essas perguntas Paulo, sob o sopro do Espírito, já respondeu, ao escrever: *Doravante não há mais judeu nem grego, escravo nem livre, nem homem e mulher, mas todos vós sois um, um só, no Cristo Jesus* (Gl 3,28). Quando, afinal, aceitaremos para valer, as conseqüências desta verdade?

Endereço do Autor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
correio eletrônico: peneybrasil@aol.com



Notas

¹ FABRIS, Rinaldo, *Os Atos dos Apóstolos*, Ed. Loyola, SP, 1991 (trad.), p. 205

² Assim também RICHARD, Pablo, in *O movimento de Jesus depois da Ressurreição. Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*, Paulinas, SP, 1999 (trad.), p. 99

³ É a cronologia geralmente admitida, supondo já redigido o evangelho de Lucas, posterior a Marcos e Mateus, estes, redigidos em 65 e 70, aproximadamente

⁴ MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco, *Pé no chão, sonho no coração. Círculos bíblicos dos Atos dos Apóstolos, 1ª parte*, CEBI, série "A Palavra na Vida" 160/161, São Leopoldo, RS, 2001, p. 133

⁵ FABRIS, R., na obra cit., p. 206, apresenta em quadro sinótico as sete cenas. Os já cit. MESTERS e OROFINO, como também Pablo RICHARD, preferem ver as sete cenas no cap. 10º, considerando 11,1-18 um texto à parte. Pablo RICHARD, aliás, fala num "tríplico", constituído por uma primeira e terceira partes, 9,32-43 e 11,1-18, refletindo ambas o ambiente da comunidades judeu-cristãs, da planície costeira e de Jerusalém, enquanto a parte central, todo o capítulo 10º, relata a fundação, por obra do Espírito, da primeira comunidade cristã de origem pagã

⁶ RICHARD, op. cit., p. 30, apóia-se em RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalém a Antioquia. Génesis de la Iglesia cristiana*. Comentário linguístico y exegetico a Hch 1-12, Cordoba, Edit. El Almendro, 1989

⁷ É algo semelhante ao que encontramos no evangelho segundo João, no qual também "vida" (19 vezes) e "vida eterna" (17 vezes) designam praticamente a mesma coisa: cf PEREIRA, Ney Brasil, *Vida sim, Vida em abundância. O tema da Vida nos escritos de São João*, in "Encontros Teológicos" 29 (2000/2), pp. 23-34, especialmente p. 26

⁸ COMBLIN, José, *Atos dos Apóstolos, vol I (1-12)*, col. Comentário Bíblico, ed. Vozes/Sinodal/Metodista, 1988, p. 193

⁹ Id., *ibid.*, p.194-195

¹⁰ SAOUT, Yves, *Atos dos Apóstolos, Ação libertadora*, Ed. Paulinas (Paulus) 1991, trad., p. 239

¹¹ Ver toda a passagem de Mc 7,1-23 e paralelos, especialmente vv. 14-23)

¹² Cf, também em Mateus, a parábola do devedor implacável (Mt 18,23-35)

¹³ SAOUT, Yves, op. cit., p. 251

¹⁴ Por exemplo, na China e na Índia, nos séculos XVII e XVIII

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 252

¹⁶ Ver acima, pág. 4-5



O autor reflete sobre a tarefa da teologia, na crise de sentido que atravessamos, uma crise, observa ele, em duas vertentes: tanto da ausência de sentido, como do conflito entre sentidos rivais. Começa, partindo da necessidade da Teologia e, a seguir, dos seus desafios: sociais e eclesiais. Entre os desafios sociais, lembra a ética ecológica, o diálogo inter-religioso, e a libertação dos oprimidos; entre os desafios eclesiais, aponta o rosto eclesial, o método pastoral, e a mística eclesiológica. Conclui, apresentando as contribuições atuais da teologia, que vem corajosamente assumindo as "brechas" da civilização humana, sobretudo ocidental, e fazendo "rebentar brotos" de vida e salvação.

Igreja e Teologia no Novo Milênio

Pe. Vitor Galdino Feller

Doutor em Teologia e professor no ITESC

